



“O bebê não entende”: reflexões sobre o discurso pedagógico na creche

“The baby doesn’t understand”: reflections on pedagogical discourse in day care

“El bebé no entiende”: reflexiones sobre el discurso pedagógico en la guardería

 Maria Clara dos Anjos Teodosio Tomé¹

 Cleide Vitor Mussini Batista²



Resumo: Este estudo tem como objetivo entrelaçar relatos de experiências vividas com bebês em creches, o discurso pedagógico de profissionais da Educação Infantil e pesquisas contemporâneas sobre os saberes do bebê. A partir da recorrente afirmação de que o bebê “não entende”, amplamente presente entre profissionais de creche, estudantes de Pedagogia e pessoas de seu entorno, busca-se problematizar em que medida tal concepção revela lacunas na formação docente e fragilidades no discurso pedagógico vigente. Com isso, investiga-se como a negação dos saberes do bebê incide sobre as práticas educativas e sobre o modo como se constitui a relação entre adulto e bebê no cotidiano das creches. A pesquisa se fundamenta na análise de experiências vivenciadas em instituições de Educação Infantil, articuladas ao diálogo com estudos recentes que evidenciam o bebê como sujeito de linguagem, sob a perspectiva que reconhece a importância da escuta, do acolhimento e das interações na constituição psíquica e social. O trabalho se estrutura a partir de aspectos do cotidiano da creche, como alimentação, sono, trocas e brincadeiras, compreendidos como espaços potentes de comunicação, escuta e reconhecimento de subjetividade. Ao longo do artigo, entrelaçam-se observações registradas no diário de campo de uma das autoras, evidenciando encontros e desencontros na relação entre professora e bebê. Tais situações são analisadas sem julgamentos ou culpabilizações, à luz da noção da linguagem multimodal. Busca-se compreender como o espaço crecheiro pode favorecer a escuta e o reconhecimento da singularidade do bebê ou, ao contrário, reproduzir práticas normativas que silenciam modos próprios de expressão.

Palavras-chave: bebês; creche; professores; rotina.

Abstract: This study aims to interweave accounts of experiences with infants in daycare centers, the pedagogical discourse of Early Childhood Education professionals, and contemporary research on infant knowledge. Based on the recurrent claim that infants “do not understand”—a common view among daycare professionals, Pedagogy students, and their social circles—this research seeks to examine to what extent such a conception reveals gaps in teacher training and weaknesses in current pedagogical discourse. Consequently, it investigates how the denial of an infant’s knowledge affects educational practices and the way adult-infant relationships are formed in the daily routine of daycare centers. The research is grounded in the analysis of experiences within Early Childhood Education institutions, linked to a dialogue with recent

¹ Pós-graduada em Psicologia da Educação, Universidade de Uberaba (UNIUBE), Uberaba, MG, Brasil. Psicóloga clínica, escolar e educacional, Colégio Atenas Objetivo, Passos, MG, Brasil. E-mail: maria_clara_tome@hotmail.com

² Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil e Psicanálise - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB. Diploma Universitário (DU) – Le Psychique face a la Naissance pela Université Paris Cité, Paris, França. Professor associado do Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil. E-mail: cler@uel.br



studies highlighting the infant as a subject of language. This is framed by a perspective that recognizes the importance of listening, welcoming, and interaction in psychic and social development. The work is structured around aspects of daily daycare life—such as feeding, sleeping, hygiene, and play—understood as powerful spaces for communication and the recognition of subjectivity. Throughout the article, observations from one author's field diary are interwoven, highlighting encounters and misalignments in the teacher-infant relationship. These situations are analyzed without judgment, through the lens of multimodal language, to understand how the daycare environment can foster the recognition of an infant's uniqueness or, conversely, reproduce normative practices that silence their expressions.

Keywords: babies; daycare; teacher; routine.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo entrelazar relatos de experiencias vividas con bebés en centros de educación infantil, el discurso pedagógico de profesionales y las investigaciones contemporáneas sobre los saberes del bebé. A partir de la afirmación recurrente de que el bebé "no entiende" —ampliamente presente entre profesionales, estudiantes de Pedagogía y su entorno— se busca problematizar en qué medida tal concepción revela vacíos en la formación docente y fragilidades en el discurso pedagógico vigente. Se investiga cómo la negación de los saberes del bebé incide sobre las prácticas educativas y sobre el modo en que se constituye la relación entre adulto y bebé en el cotidiano institucional. La investigación se fundamenta en el análisis de experiencias en instituciones de Educación Infantil, articuladas con estudios recientes que evidencian al bebé como sujeto de lenguaje, bajo una perspectiva que reconoce la importancia de la escucha, la acogida y las interacciones en la constitución psíquica y social. El trabajo se estructura a partir de aspectos del cotidiano, como la alimentación, el sueño, el cambio de pañales e higiene, e intercambios y juegos, comprendidos como espacios potentes de comunicación y reconocimiento de la subjetividad. A lo largo del artículo, se entrelazan observaciones del diario de campo de una de las autoras, evidenciando encuentros y desencuentros en la relación docente-bebé. Estas situaciones se analizan a la luz de la noción de lenguaje multimodal, buscando comprender cómo el espacio educativo puede favorecer la escucha de la singularidad o, al contrario, reproducir prácticas normativas que silencian formas propias de expresión.

Palabras clave: bebés; guardería; maestros; rutina.

1 Introdução

A creche atualmente é reconhecida enquanto instituição educativa, e não mais assistencialista, conforme afirmam os documentos normativos, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 1996; 2009; 2017). Porém, ainda se depara com marcas e resquícios dessa origem histórica.

Nesse contexto, reserva-se aos bebês um lugar específico, frequentemente atravessado por tensões entre as dimensões do educar e do cuidar, que, embora concebidas como indissociáveis nos documentos normativos, muitas vezes aparecem fragmentadas no cotidiano institucional, colocando uma em detrimento da outra. Assim, a creche se configura como um espaço privilegiado para acompanhar e observar as transformações vivenciadas pelos bebês, bem como os processos iniciais de constituição de seu psiquismo, conforme as práticas cotidianas mediadas pela linguagem, pelo corpo, pelo afeto e pela escuta incidem diretamente sobre suas formas de estar no mundo e de se constituírem como sujeitos.

É perceptível que a busca pela padronização na sociedade limita a singularidade de indivíduos, trajetórias familiares, bebês e educadores. As propostas curriculares são totalmente higienistas e adultocêntricas, sem considerar os bebês como seres ativos e interativos no processo de aprendizagem. Nesse contexto, os professores estão destituídos de saberes, trabalhando para

responder a um ideal normativo, no qual a linguagem e o discurso deixam de operar como elementos estruturantes na relação entre os sujeitos. Como consequência, ideais médicos têm influenciado o trabalho, o que leva a um aumento significativo de diagnósticos precoces.

Dessa forma, a relação entre bebês e profissionais na creche é atravessada por concepções que ainda os posicionam essas crianças como seres passivos, incapazes de compreenderem e interagirem significativamente com o mundo ao seu redor. No entanto, estudos contemporâneos sobre os saberes do bebê evidenciam que, desde o nascimento, eles são sujeitos ativos, capazes de comunicação, de estabelecer vínculos e de construir conhecimentos a partir das interações (Trevvarthen, 2019).

Todavia, é comum depararmos com a fala recorrente entre profissionais da creche, especificamente de bebês, alunos da graduação em Pedagogia e de áreas afins, bem como pessoas do entorno do bebê de que "ele não entende". Essas e outras ideias sobre o bebê conduzem ao problema: o entendimento sobre os saberes do bebê denuncia os furos e os fracassos do discurso pedagógico dos profissionais de creche? Diante disso, este estudo tem o objetivo de entrelaçar recortes de relatos de experiências com bebês em creches com o discurso pedagógico dos profissionais crecheiros e as pesquisas atuais sobre os saberes do bebê.

Nesse cenário, é essencial refletir sobre o papel da creche como espaço que deve garantir não apenas o cuidado, mas também experiências que promovam o desenvolvimento subjetivo e relacional dos bebês. Conforme Parlato-Oliveira (2022, p. 65), "quando os cuidadores reconhecem a fala do bebê como autêntica e própria, sua escuta possibilita o que fazer diante da demanda deste outro que, até então, parecia nada querer". Assim, a desconstrução de discursos que subestimam o bebê e a valorização de práticas pedagógicas que reconheçam suas competências emergem como desafios centrais para a formação de profissionais da infância.

Este estudo busca, portanto, problematizar os impactos das concepções pedagógicas vigentes nas creches, ao investigar como a negação dos saberes do bebê pode revelar lacunas na formação docente e no discurso educativo. A partir da análise de experiências em instituições de Educação Infantil e do diálogo com estudos recentes sobre o tema, pretende-se contribuir para uma compreensão ampliada do papel da linguagem, da escuta e do acolhimento na constituição psíquica e social dos bebês.

O desenvolvimento deste trabalho se estrutura a partir de aspectos da rotina cotidiana da creche, como os momentos de alimentação, sono, trocas e brincadeiras. Tal organização tem como objetivo evidenciar como, em cada uma dessas experiências, se manifestam discursos e práticas que podem favorecer ou silenciar os saberes do bebê. Com essa abordagem, buscamos compreender de que maneira o cotidiano crecheiro pode se tornar um espaço de escuta, reconhecimento e promoção da subjetividade infantil ou, ao contrário, um lugar de reprodução de normativas que negam sua singularidade.

Nas seções seguintes, entrelaçam-se observações descritas no diário de campo de uma das autoras, a fim de um diálogo acerca das atividades que compõem a rotina diária do bebê com as

expectativas sobre a professora, bem como a teoria. As observações foram realizadas ao longo do período de 2018 a 2024. Dentre as observações, perceberam-se encontros e desencontros na relação entre professora e bebê. Aqui, a intenção é relatar certos desencontros desta relação, sem julgamentos ou culpabilização. Com esse intercâmbio sobre os saberes do bebê, ou seja, o que ele nos fala, uma fala multimodal e que, muitas vezes, não é escutada.

Busca-se, assim, estabelecer uma interlocução com a creche, contribuindo e alargando o olhar que a professora tem sobre o bebê para pensar em um manejo que contemple a subjetividade do bebê. Ou seja, objetiva-se transformar o olhar sobre o bebê e seus saberes, por aqueles que se dedicam ao trabalho com ele, e ainda, desconstruir o dito: "o bebê não entende".

2 Entre o cuidado e a norma: a escuta e o tempo do bebê na creche

Os cuidados cotidianos com alimentação, sono e higiene estabelecem momentos significativos na relação entre bebê e adulto, ultrapassando a simples função de atender às necessidades biológicas. Ao alimentar, embalar para dormir ou trocar um bebê, abre-se um espaço de encontro, em que a presença atenta do cuidador possibilita não apenas o cuidado do corpo, mas também a construção de um vínculo afetivo e a sustentação psíquica. Conforme assinala Winnicott (1983), é na qualidade desses cuidados iniciais — marcados pela continuidade, sensibilidade e adaptação às necessidades do bebê —, que se sustentam as bases do desenvolvimento emocional e da constituição do *self*.

Em consonância com essa perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil reconhecem tais práticas como indissociáveis dos processos educativos, compreendendo o cuidar e o educar como dimensões integradas da experiência infantil (Brasil, 2009). Assim, esses gestos cotidianos, quando feitos com disponibilidade e sensibilidade, favorecem a constituição subjetiva do bebê, transformando práticas aparentemente rotineiras em experiências fundantes de cuidado, escuta e reconhecimento.

A alimentação na creche, muitas vezes, é tratada como um momento simplesmente funcional, no entanto carrega potentes significados na constituição do vínculo entre bebê e professora. Trata-se de um momento que, para além da nutrição, envolve trocas afetivas, comunicação verbal e não verbal e construção de sentidos. Estudos no campo do desenvolvimento infantil e da psicanálise evidenciam que as experiências alimentares precoces participam da organização do psiquismo, conforme o bebê é introduzido ao laço com o outro por meio de gestos, olhares, ritmos e palavras (Almeida *et al.*, 2018).

No âmbito da Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais afirmam que os momentos de cuidado, como a alimentação, devem ser compreendidos como situações educativas que respeitem os tempos, os ritmos e as singularidades das crianças (Brasil, 2009). Quando reduzida a uma tarefa a ser cumprida dentro de um cronograma rígido, a alimentação corre o risco

de apagar a singularidade do bebê e silenciar seus próprios modos de expressar desejos, preferências e recusas.

Bebê (10m) no cadeirão para ser alimentado, professora estava a alimentá-lo com papinha salgada. Primeiras colheradas, o bebê a comer... já para o final da papinha colocada no prato, o bebê começa a cuspir a comida que respinga sobre a mesa e sobre o jaleco da professora. O bebê repete tal ato duas, três vezes e a professora continua a lhe colocar a papinha na boca.

Bebê (6m) no sentado ao colo da professora e a mesma a lhe oferecer papinha de fruta. Na primeira colherada, o bebê cospe fora. A professora continua a lhe colocar na boca a papinha de fruta que o bebê cospe e depois trava a boca que impede a professora de colocar a papinha de fruta em sua boca. A professora comenta ironicamente: "está acostumado a comer caviar né?! Por isso não come a papinha de abacate". (Diário de campo da autora)

Bebês sentados nos caldeirões e a professora a alimentar os bebês de dois em dois com papinha salgada. Uma bebê olha para os bebês a comer e chora, chora, chora... A professora vira para ela e diz: "se você não parar de chorar não vou lhe dar papinha. (Diário de campo da autora).

O que escutamos destes três recortes de cenas cotidianas de alimentação? Parlato-Oliveira (2022, p. 175) afirma que

A falta de escuta do sofrimento dos bebês está diretamente relacionada às concepções que qualificam o bebê como um ser passivo, à espera de um outro que o satisfaça e o deseje, sem nenhuma condição de agir sobre o outro e sobre si mesmo.

Nesse ponto, emerge a necessidade de pensar a escuta como uma prática cotidiana e fundamental. Embora não disponha da linguagem verbal, o bebê se comunica ativamente por meio de expressões faciais, movimentos corporais, sons e olhares. Ao desconsiderar essas formas de linguagem, o adulto reforça a ideia de um bebê passivo, que deve apenas se adaptar às rotinas estabelecidas (Parlato-Oliveira, 2022).

Além disso, esse momento é uma oportunidade privilegiada de reconhecer o bebê como sujeito de saberes. Quando a professora se dispõe a observar e escutar os tempos do bebê — seu ritmo, suas pausas, sua fome ou sua saciedade —, abre espaço para uma prática educativa que respeita a alteridade e considera o bebê como um interlocutor legítimo. No entanto, o discurso institucional, muitas vezes, atravessa esse momento com exigências de desempenho, controle e padronização, colocando em xeque a possibilidade de uma relação mais subjetiva e responsiva.

Assim como no momento do sono, que envolve cuidado físico, sensibilidade e acolhimento emocional, deve-se, também, identificar o ritmo de cada bebê. Diferentemente de uma lógica adultocêntrica, que tende padronizar a prática e impor horários, o sono na primeira infância requer um manejo que reconheça as diferenças individuais e os sinais de cansaço, bem como a necessidade de aconchego ou resistência ao adormecer.

De acordo com Fagioli, Ficca e Salzarulo (2000), o aumento do tempo dos ciclos de sono auxiliam na qualidade das funções psicológicas e biológicas do sono ao longo do desenvolvimento. Com papel fundamental na vida do ser humano, o sono do bebê é diferente do sono dos adultos, e

deve ser observado conforme o contexto do desenvolvimento e de suas etapas, ao longo do amadurecimento do bebê (Mandasky, 2000).

Contudo, muitas vezes, a organização institucional da creche estabelece um horário fixo para todos os bebês dormirem simultaneamente, desconsiderando os variados tempos biológicos e emocionais.

Todos os bebês, após a papinha salgada, são higienizados e colocados para dormir. Cada bebê dorme, cada qual de seu jeito, uns com naninhas, outros com chupeta, outros com o embalar da professora e outros com batidinhas de mãos nas costas etc. (Diário de campo da autora)

Ao acordar, alguns bebês ficam a brincar em seu corpo, outros sentam ou escalam a grade do berço, outros rolam no colchonete e outros que choram até a professora ir buscá-lo. Uma bebê (6m) a chorar no berço na sala do soninho a espera da professora ir buscá-lo. A professora comenta com a outra professora que irá buscá-la e esta diz: "deixa chorar, não precisa ir buscar agora. Chorar faz bem!" (Diário de campo da autora).

A padronização revela a tentativa de adaptar o bebê ao funcionamento da instituição, e não o contrário. Nesse processo, o discurso pedagógico pode se tornar prescritivo, deixando de lado a escuta das demandas singulares. É imperioso lembrar que o sono não é apenas uma necessidade de pausa fisiológica, mas um momento quando o bebê precisa se sentir seguro para se entregar ao desligamento do mundo exterior. Isso só é possível na presença de um outro que sustente simbolicamente esse processo (Ganhito, 2002).

Winnicott (1958) descreve o cuidado como uma extensão de uma atitude mais fundamental presente na maternagem o *holding* (segurar), que pode ser feito com sucesso por alguém sem o menor conhecimento intelectual do que está ocorrendo com o indivíduo. O exigido é a capacidade de identificar e perceber como o bebê está se sentindo. Refletir sobre esse aspecto é fundamental para que a rotina da creche não apenas cuide, mas também reconheça e respeite a subjetividade de cada bebê.

Por fim, o momento das trocas de fraldas e cuidados com a higiene corporal, à primeira vista, pode parecer uma atividade técnica e rotineira. No entanto, do ponto de vista do desenvolvimento psíquico e da constituição do bebê como sujeito, trata-se de um espaço único de encontro, contato e construção de vínculo. A literatura psicanalítica destaca que é por meio do manejo do corpo, do toque, do olhar e da palavra dirigida ao bebê que se estabelece a experiência de continuidade e de reconhecimento, fundamentais para a constituição do self (Winnicott, 1983).

Em consonância com essa perspectiva, estudos no campo da Educação Infantil afirmam que os momentos de cuidado corporal são práticas educativas que implicam escuta, respeito aos ritmos e reconhecimento da singularidade do bebê, e não podem se reduzir a procedimentos higienistas ou automatizados (Brasil, 2009; 2017). Assim, as trocas de fraldas se configuram como situações privilegiadas de interação, nas quais o bebê é convocado à relação com o outro e à construção de sentidos sobre seu próprio corpo e sobre o mundo. Quando olhadas com atenção,

essas trocas se revelam como momentos singulares em que gestos, olhares, toques e palavras se entrelaçam, criando um ambiente de afeto, reconhecimento e sustentação subjetiva.

Todavia, nas instituições de educação, o momento é frequentemente atravessado por exigências de produtividade e rapidez. A professora, pressionada pelo número de crianças e pelo tempo disponível, pode ser levada a realizar de maneira mecânica, reduzindo o bebê a um corpo a ser limpo, contido ou ajustado. Tal forma de manejo desconsidera a potência relacional do cuidado e reforça uma visão higienista e objetificada da infância, na qual o corpo do bebê é tratado como objeto de intervenção, e não como expressão e extensão de sua subjetividade (Winnicott, 1983; Brasil, 2009). Pesquisas no campo da Educação Infantil apontam que práticas marcadas pela padronização e pelo controle dos tempos e dos corpos tendem a silenciar as manifestações singulares dos bebês, o que empobrece as possibilidades de vínculo, escuta e reconhecimento no cotidiano da creche (Barbosa; Horn, 2001; Brasil, 2017).

Na cuba, o corpo do bebê é "lavado" sem a mediação da palavra, do canto, do toque que bordeja o corpo pelas mãos da professora. Mãos estas que contornam este corpo e lavam este corpo com uma rapidez, pressa esta, pela urgência de fazer cumprir a rotina do cuidar pelo cuidar frente a demanda de bebês que estão à espera de um banho (Diário de campo da autora).

O bebê na cuba sendo esfregado e enxaguado pela professora que está a conversar com a outra professora sem que esta ou estas dirijam a palavra ao bebê, cantem a ele ou mesmo brinquem em seu corpo etc. Terminado envolvem o bebê na toalha e o trocam de uma forma mecânica em cumprimento ao estabelecido pela rotina diária (Diário de campo da autora).

Os recortes de momentos vivenciados pelas autoras e aqui descritos ainda persistem no contexto da creche, embora o que os saberes disponíveis hoje, por meio de estudos e pesquisas, revelem das capacidades do bebê. Os problemas continuam e são presenciadas práticas que desconsideram o bebê enquanto sujeito e seus saberes. Para Batista (2024), caberia à professora interpretar e dirigir uma fala ao bebê em relação ao que ele disse a ela por meio da regurgitação, da repulsa ou, mesmo, da aceitação do alimento. Ou a fala do bebê não é interpretada e/ou cai no vazio da ação pela ação de alimentar para suprir a necessidade biológica do bebê.

Elucidamos as indagações da autora: O que escapa ao olhar ou à escuta da professora? Somos realmente capazes de escutar o bebê? Essa escuta exige daqueles que se ocupam do bebê o reconhecimento de sua fala, uma fala multimodal, para escutá-lo, assumindo a função de intérprete deste bebê. Como o recém-nascido, o feto percebe o mundo e todo seu entorno por meio das suas sensorialidades, e não pelo intelecto que será construído progressivamente pela aprendizagem. Ou seja, o bebê é dotado de capacidades sensoriais e atitudes relacionais (Parlato-Oliveira, 2022).

3 Brincadeiras: linguagem e expressão da subjetividade

Nos berçários, é comum observar bebês em tatames cercados por diversos objetos. À primeira vista, este espaço pode parecer apenas um ambiente de estímulo sensorial ou recreativo. É comum em salas de berçários observarmos bebês nos tatames com vários objetos em seu entorno. Como as professoras entendem o espaço e o tempo de brincar? Teria um objetivo implícito? Ou uma intencionalidade por parte da professora?

O bebê no tatame rodeado de objetos. Ao escolher um objeto o leva à boca. Ao tentar se apropriar do objeto, a professora imediatamente lhe oferece outro que faz com que o bebê largue o objeto e aceite o objeto oferecido pela professora. (Diário de campo da autora)

O bebê no tatame rodeado de objetos-sucatas. O bebê dentre os muitos objetos-sucatas elege um. A professora, então, pega o objeto da mão do bebê e começa a dizer: "amarelo", pega outro e diz: "vermelho" e assim segue nomeando as cores dos demais objetos (Diário de campo da autora).

Esses recortes suscitam indagações fundamentais: A intencionalidade do bebê é considerada? Os interesses e os modos próprios de relação com os objetos são respeitados?

Os bebês, muitas vezes, são convocados a olhar para objetos que lhes são postos em evidência e que os convidam a agir com o olhar. Porém, esta é apenas uma parte do que acontece neste primeiro momento, pois não é possível determinar o olhar do outro. Mesmo quando estamos ou colocamos algo no campo visual, o seu olhar executa sobre isso um recorte que lhe é próprio (Parlato-Oliveira, 2024).

Cohen (2010) reforça que a linguagem do bebê não se restringe ao verbal, mas se manifesta por gestos, expressões corporais, movimentos e interações com o outro. Nesse sentido, a escolha de objetos, a manipulação ou a rejeição de estímulos representam formas legítimas de comunicação e expressão de desejo. Winnicott (1975) acrescenta que o brincar é um espaço de experimentação do *self*, no qual o bebê ensaia autonomia, criatividade e relação com a realidade de forma segura.

Ainda analisando os recortes de campo, é possível observar nuances da mediação pedagógica:

1. Interrupção da escolha do bebê: Quando a professora substitui o objeto escolhido pelo bebê, há uma tentativa de direcionamento da experiência, muitas vezes motivada por objetivos pedagógicos, como ensinar cores ou estimular a coordenação motora.
2. Nomeação e categorização: Ao nomear cores ou formas, a professora introduz conceitos linguísticos, mas simultaneamente redefine o significado do objeto para o bebê, podendo reduzir a liberdade de exploração e a expressão subjetiva.
3. Interação e co-construção: Momentos em que o adulto respeita a escolha do bebê e participa de sua manipulação do objeto, promovem a construção conjunta de sentidos e fortalecem a agência do bebê.

Sob essa perspectiva, o tatame do berçário deixa de ser apenas um espaço físico e torna-se um campo de encontro entre subjetividades: o brincar não se restringe à aquisição de conceitos

ou habilidades motoras; constitui-se como uma forma de expressão do desejo, da curiosidade e da relação do bebê com o mundo (Winnicott, 1975; Brasil, 2009). Portanto, a intervenção adulta deve atuar como suporte e ampliação da experiência, criando condições para o bebê explorar, experimentar e se expressar, sem que sua iniciativa seja substituída ou capturada, mantendo-o no centro do processo educativo (Brasil, 2017).

Uma psicanálise transdisciplinar oferece instrumentos conceituais para compreender que o brincar é uma forma de linguagem e de expressão da subjetividade do bebê (Winnicott, 1975). O adulto é mediador e co-participante, mas não controlador absoluto; sua função é oferecer condições para a exploração, respeitando a intencionalidade do bebê. A interação entre bebê, objetos e adulto revela que a subjetivação é processo contínuo, emergente da negociação, do afeto e da escuta sensível (Jerusalinsky, 2014).

Esta observação de bebês em tatames evidencia que o brincar é simultaneamente espaço de experimentação, descoberta e construção do eu. Considerar escolhas, interesses e formas de expressão do bebê é condição fundamental para o brincar se constituir como linguagem e manifestação legítima de sua subjetividade (Winnicott, 1975; Wallon, 1968; Brasil, 2009). A prática educativa deve equilibrar mediação e autonomia, garantindo que a experiência lúdica seja um espaço de encontro entre mundos distintos — o do bebê e o do adulto — e de expressão plena do sujeito em formação.

Como pensarmos este lugar do brincar com os bebês em creche. Partindo do pressuposto de Batista (2024), o brincar do bebê é um território inaugural onde corpo e mundo se encontram pela primeira vez em diálogo. É no simples ato de balançar um chocalho, morder uma ponta de pano ou sorrir para o eco de sua própria voz, que ele experimenta o mundo e a si mesmo. Antes de palavras, o brincar é corpo que se oferece ao encontro, é mão que descobre texturas, é olhar que transforma o espaço em horizonte de possibilidades.

Não se trata de um simples passatempo, mas de um gesto profundo de criação: cada toque, cada som, cada movimento se constituem como linguagem e produção de sentido na experiência do bebê (Winnicott, 1975; Brasil, 2009). Ao brincar, o bebê se inventa e reinventa o espaço em torno de si. Um chocalho não é apenas um objeto que produz ruído, mas um prolongamento do corpo; um pano não é apenas tecido, mas esconderijo, abraço, céu e chão.

Quando um bebê brinca, ele não está apenas se distraindo, mas está ensaiando mundos, criando pequenas dramaturgias com sons, objetos, movimentos e silêncios. O tatame, o berço, o colo se tornam cenários de descobertas, onde cada gesto se abre como uma pergunta e uma resposta ao mesmo tempo. No brinquedo improvisado, na repetição insistente, na surpresa de uma nova forma de usar o mesmo objeto, pulsa a liberdade da criação e da invenção subjetiva do bebê (Winnicott, 1975; Vygotsky, 1998; Brasil, 2009).

O brincar do bebê revela, ainda, a potência do inacabado. Os objetos não têm funções fixas: um bloco pode ser pedra, carro, alimento ou qualquer invenção que se desenhe na imaginação. O

bebê ensina, assim, que o mundo pode ser maleável, que as coisas podem ser mais do que são. Essa liberdade criadora é a semente da linguagem, da arte, da subjetividade.

Assim, o brincar do bebê é sempre um convite: para o adulto observador, a aprender a desacelerar e a escutar o tempo do instante; e para o próprio bebê, a descobrir que o mundo é habitável, porque pode ser transformado, manipulado e sonhado com as próprias mãos, ou seja, que o sentido não está dado de antemão, mas se constrói no gesto, no toque, no olhar. Ao brincar, o bebê mostra que viver é, em grande parte, brincar com o real: transformar, ressignificar, imaginar.

Nesse brincar, o bebê experimenta o tempo de outra maneira, pois não corre atrás do futuro e nem retorna ao passado: habita o instante com uma intensidade rara. O jogo é o agora pleno, em que repetir um gesto não significa tédio, mas necessidade de saborear a descoberta, de garantir que o mundo permanece ali, disponível, confiável. Nesse sentido, a repetição é música: um compasso que funda segurança e abre espaço para a invenção.

Portanto, o brincar do bebê não é apenas um estágio do desenvolvimento, mas uma forma primeira de habitar o mundo com sensibilidade e liberdade. É poesia encarnada nos pequenos gestos do cotidiano, lembrando de que a vida pode ser criação permanente.

4 Considerações finais

As cenas apresentadas e analisadas ao longo deste trabalho evidenciam que, apesar dos avanços teóricos e legais no campo da educação, ainda persistem práticas institucionais que desconsideram a subjetividade do bebê, tratando-o como um ser passivo e a ser adaptado às rotinas estabelecidas. A escuta do bebê – entendida aqui como uma escuta sensível, corporal, afetiva e interpretativa – ainda é frequentemente silenciada pelas exigências de produtividade, controle e padronização presentes no cotidiano das creches.

Embora o cotidiano institucional seja atravessado por inúmeros encontros potentes, este texto propôs lançar luz sobre os desencontros, não com a intenção de culpabilizar os profissionais, mas deslocar o olhar sobre o bebê e seus saberes, contribuindo para a desconstrução do enunciado recorrente de que "o bebê não entende". Ao contrário, o bebê se expressa de maneira multimodal — por meio do corpo, do gesto, do olhar, do choro, do silêncio e do brincar —, e convoca o adulto a uma responsabilidade ética de escutar, interpretar e acolher suas manifestações

Nessa perspectiva, alimentação, sono, higiene e brincadeira não se configuram como momentos meramente funcionais, mas como espaços privilegiados de encontro e de construção de vínculos, onde a escuta se torna uma prática fundamental de reconhecimento do outro em sua alteridade e sua singularidade. Logo, trata-se de compreender que é na qualidade dessas interações cotidianas que se sustentam os processos iniciais de constituição subjetiva do bebê.

Por isso, é imperioso repensar as rotinas e as práticas pedagógicas, não apenas a partir de sua funcionalidade, mas sobretudo de sua potência relacional. A professora, ao assumir a função

de intérprete do bebê, amplia as possibilidades de construir uma pedagogia da escuta, sensível às nuances do corpo, do gesto, do silêncio e do olhar. Por sua vez, cabe às instituições a criação de condições para o cuidado cotidiano se transformar em experiência subjetivante – aquela que sustenta o bebê não apenas em seu corpo, mas em sua condição de sujeito.

Referências

ALMEIDA, Mariangela Mendes; WECHSLER, Rudolf; TADDEI, José Augusto Carrazedo; SUANO-SOUZA, Fabíola Isabel; SOLÉ, Dirceu. Relações alimentares iniciais, uma investigação clínica: Pediatria e psicanálise nutrindo vínculos. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 51, n. 94, p. 125-140, jun. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352018000100009&lng=pt&nrm=iso. acessos em 26 jan. 2026.

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **O bebê e a creche: direitos e proposições**. São Paulo: Instituto Langage, 2024.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Organização do tempo e do espaço na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 jan. 2026.

COHEN, David. **O bebê e a linguagem: entre corpo, mente e cultura**. São Paulo: Instituto Langage, 2010.

FICCA, Gianluca; FAGIOLI, Ivan.; SALZARULO, Piero. Sleep organization in the first year of life: developmental trends in the quiet sleep-paradoxical sleep cycle. **Journal of Sleep Research**, [S.], v. 9, n. p. 1-4, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1046/j.1365-2869.2000.00172.x>. Acesso em: 15 jan. 2026.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê**. Álgama. 2014.

GANHITO, Nayra Cesaro Penha. **Dormir nos braços da mãe: a primeira guardiã do sono**. Psyché. São Paulo. 2002, pp. 65-84.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Fundamentos para uma clínica psicanalítica do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2024.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **O bebê e as tramas da linguagem**. São Paulo: Instituto Langage, 2022.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2022.

TREVARTHEN, Colwyn. **O bebê nosso professor**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

SOIFER, Renata. **Relação Mãe-Filho e o Sono do Bebê**: Uso de técnica para modificação de hábitos de sono. São Paulo. 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri Paul Hyacinthe. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. (1958). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual**, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

Contribuições dos Autores (CRediT)

Cleide Vitor Mussini Batista: Conceitualização; Curadoria de Dados; Metodologia; Investigação; Administração de Projetos; Redação – Revisão e Edição.

Maria Clara dos Anjos Teodosio Tomé: Conceitualização; Curadoria de Dados; Redação – Rascunho Original.

Conflitos de Interesses:

Conforme a política editorial da revista, as autoras declaram não haver quaisquer relações pessoais, profissionais, financeiras ou acadêmicas que possam ser interpretadas como influência nos métodos, resultados ou discussões apresentadas neste manuscrito.

Financiamento:

Esta pesquisa não recebeu financiamento.

Aprovação ÉTICA:

Não se aplica.

Agradecimentos:

Não se aplica.

Como citar este artigo (ABNT):

TOMÉ, Maria Clara dos Anjos Teodosio; BATISTA, Cleide Vitor Mussini. "O bebê não entende": reflexões sobre o discurso pedagógico na creche. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 16, e162604, p.1-12, jan./dez. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2026.16.11095>. Acesso em: [inserir data de acesso].

Editor Responsável:

Deivid Alex dos Santos.